

## Haddad promete regra fiscal e mercado espera força política

**Contas públicas** Ministro da Fazenda diz, em cerimônia de posse, que novo arcabouço fiscal sairá no fim do semestre

# Haddad enfatiza questão fiscal, mas quer regra 'factível'

Estevão Taiar, Lu Aiko Otta, Matheus Schluch, Larissa Garcia e Guilherme Pimenta  
De Brasília

Em seu primeiro discurso no cargo, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, defendeu a importância de trabalhar com "metas factíveis" para as contas públicas. Ele descartou, por exemplo, um déficit primário menor do que R\$ 60 bilhões para este ano. Sobre o novo arcabouço fiscal, afirmou que a âncora organizará "as contas públicas pelo longo prazo". Haddad ainda disse, mais de uma vez, que planeja trabalhar com os outros ministros da área econômica: o vice-presidente Geraldo Alckmin (Desenvolvimento, Indústria e Comércio), Simone Tebet (Planejamento) e Esther Dweck (Gestão e Inovação de Serviços Públicos).

"Não [vamos] ficar mentindo para a população, falando que o déficit será de R\$ 60 [bilhões] quando [o Orçamento] ele está previsto em mais de R\$ 200 [bilhões]. Não faremos isso", disse na cerimônia, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), onde também foi feita a transição de governo. Ao mesmo tempo, garantiu que o governo não aceitará "um resultado primário que não seja melhor do que" a quantia prevista no Orçamento. "Vamos contar com metas objetivas. Demandantes, mas factíveis, para entregar ao país a confiança que precisa para voltar a crescer", afirmou.

Ele prometeu apresentar o novo arcabouço fiscal neste primeiro semestre. Ao longo dos anos, uma crítica constante de Haddad ao teto de gastos era justamente o fato de, segundo ele, ser pouco factível cumprir a regra. No domingo, também no seu primeiro discurso no cargo neste terceiro mandato, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chamou o instrumento de "estupidéz". Na avaliação do ministro, é essencial que o novo arcabouço seja "confiável", "respeitado" e possível de ser "cumprido".

"Se você propõe uma meta inalcançável, não tem meta nenhuma. Se você propõe uma meta que não seja ambiciosa, não motiva o país. É nesse equilíbrio fino entre a ambição e a factibilidade que nós vamos exercer o nosso mandato em relação a todas metas econômicas com as quais todos presentes nesta sala estão preocupados", afirmou, referindo-se aos secretários da pasta.

Para o ministro, "não existe política fiscal ou monetária isoladamente", mas sim uma única "política econômica" que precisa estar "harmonizada".

"Estamos com os juros mais altos do mundo em termos reais e precisamos sim buscar o entendimento da autoridade fiscal e da autoridade monetária", afirmou Haddad.

O ministro da Fazenda prometeu ser "pragmático", e não "dogmático", e disse que as políticas públicas que realizou no

período em que foi ministro da Educação (2005-2012) só tiveram sucesso porque "o setor privado e o governo federal caminharam juntos". Ele citou como exemplo o Pronuni. Outro caso de "política de ganha-ganha, para o povo e para o mercado", foram as medidas voltadas para o crédito realizadas logo no começo do primeiro mandato de Lula.

"É bom que o setor privado esteja atento às oportunidades. A gente precisa sair desse pensamento binário: estatal ou privado. Tem muita coisa que pode e deve ser feita conjuntamente", afirmou. "Sem investidores nós não vamos ter empregos, não vamos gerar riqueza, mas é preciso um equilíbrio entre os interesses dos mais variados setores da população".

Ele fez questão de destacar também a diversidade de visões dentro da sua equipe, lembrando que o secretário-executivo, Gabriel Galipolo, e o secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, já trabalharam em governos do PSDB. Em um nível hierárquico mais alto, afirmou que trabalhará em parceria com Alckmin, Tebet e Esther Dweck.

"Framos o Posto Ipiranga, agora somos uma rede", disse, em referência ao apelido do ex-ministro da Economia Paulo Guedes, que concentrou as atribuições de Fazenda, Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Planejamento e Gestão em uma única pasta.

Mas também reconheceu que o "desafio é enorme" e que en-



Haddad: "No equilíbrio fino entre ambição e factibilidade que vamos exercer o mandato em relação às metas econômicas"

frontará dificuldades políticas. "Vocês sabem quão isolada a equipe econômica fica na Esplanada [dos Ministérios]. É sempre o patinho feio da Esplanada. Nós aceitamos esse cargo, mas para fazer o bem para a população", afirmou Haddad.

A cerimônia de posse contou com a presença de aproximadamente 700 convidados, entre empresários, futuros colegas de Esplanada, políticos e economistas. Na semana passada, o cerimonial chegou a trabalhar com a possibilidade de receber mil convidados, tamanha a demanda pelo evento. Mas no fim o número de convites ficou na casa dos 700.

Ao chegar à posse, Simone Tebet admitiu que a relação com Haddad terá "divergência" em alguns pontos, mas disse que "é na divergência que vamos crescer". Tebet e o ministro da Fazenda têm reunião agendada para a

próxima quinta-feira.

O pedido pela realização de uma reforma tributária foi disseminado entre os convidados. Em seu discurso, o ministro defendeu "um sistema tributário mais transparente, sobretudo mais justo e mais simples", que retire peso "das famílias de baixa renda".

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade, afirmou que é "importante" que Haddad queira "discutir" as mudanças tributárias.

"A reforma é a maneira de ampliar o volume de pessoas que pagam impostos e criar equilíbrio, porque quem paga mais impostos é a indústria", disse.

Já o governador do Piauí, Rafael Fonteles (PT), mostrou confiança na aprovação das mudanças e disse que tem conversado com o ministro sobre o tema. Ele foi presidente do Comitê Nacional de Secretários de Fazenda, Fi-

nanças, Receita ou Tributação dos Estados e do Distrito Federal (Comsefaz) em 2021 e 2022 e amarrou apoio unânime dos Estados à reforma.

Os convidados ainda chamaram atenção para a importância que outros integrantes do governo terão para que a agenda econômica seja bem-sucedida. O presidente do conselho de administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco, afirmou que a "ênfase" que Lula costuma dar à "negociação política" vai ajudar na normalização do país. Andrade classificou a nomeação de Alckmin para o MDIC como "fantástica". "Por ser vice-presidente, [Alckmin] vai facilitar a discussão sobre medidas para o desenvolvimento", disse o presidente da CNI.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

**Seção:** Brasil **Caderno:** A **Página:** 5